

## PIBID-LETRAS E O CLUBE DE LEITURA: A LITERATURA COMO FERRAMENTA ANTIRRACISTA EM ALAGOINHAS – BA

Isadora Almeida Silva Oliveira <sup>1</sup>  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Neuma Mascarenhas Paes <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo objetiva traçar bases teórico-metodológicas que nortearam a discussão sobre a relevância da leitura literária para o enfrentamento do racismo no ambiente escolar. Esse objeto de estudo nasceu da experiência construída no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, em parceria com o curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, e o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, na cidade de Alagoinhas-BA. Desse modo, defende-se a Escola Pública enquanto local democrático e emancipatório, capaz de formar sujeitos críticos, os quais poderão combater a latente desigualdade social que assola o Brasil. Para isso, parte-se do projeto Clube de Leitura, aplicado na referida unidade escolar através do PIBID, enquanto peça-chave para o desenvolvimento do Letramento Literário concomitante ao Letramento Racial. Assim, é importante salientar que tal metodologia garante também o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, sancionada em 9 de janeiro de 2003, marco fundamental na legislação brasileira, visto que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, tanto públicas quanto privadas. Para discutir tais questões, este escrito se apoia em autores como bell hooks (2017), Ribeiro (2019), Silva (1995), Almeida (2019), Freire (1996), dentre outros. Logo, espera-se que este trabalho seja capaz de contribuir para os estudos sobre práticas leitoras em sala de aula, bem como, evidenciar a eficácia de metodologias inovadoras no Ensino Básico em favor do antirracismo.

**Palavras-chave:** Antirracismo, Docência, Leitura, Letramento, Literatura.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo objetivou traçar bases teórico-metodológicas que nortearam a discussão sobre a relevância da leitura literária para o enfrentamento do racismo no ambiente escolar, partindo da experiência construída através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, em parceria com o curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, e o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, na cidade de Alagoinhas-BA.

Em princípio, apresentar-se-á uma análise (auto)biográfica sobre experiências formadoras desta pesquisadora na condição de supervisora de uma equipe de bolsistas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – BA, [isabola\\_oliveira@yahoo.com.br](mailto:isabola_oliveira@yahoo.com.br) ;

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia - BA, [mpaes@uneb.br](mailto:mpaes@uneb.br);



atuantes na referida instituição escolar durante o edital 2022/2024 do PIBID-Letras. Em seguida, serão traçados alguns delineamentos referentes às teorias acerca do letramento e da leitura literária na escola, a fim de estabelecer uma relação com os estudos e leituras realizados a partir do referencial teórico das disciplinas cursadas no programa Mestrado em Crítica Cultural.

Consoante Silvio Almeida (2019), em sua obra *Racismo Estrutural*, “a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral ao racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”. Logo, a inquietação para analisar a relação entre o letramento e a leitura literária como prática para o combate ao racismo deu-se enquanto resultado da participação dessa pesquisadora em um edital do PIBID, de novembro de 2022 a abril de 2024, durante o qual foi instituído o Clube de Leitura como ação do Programa no Colégio Modelo, em Alagoinhas-BA.

Programa de âmbito nacional, o PIBID orienta o bolsista para a iniciação à docência por meio de ações didático-pedagógicas com o intuito de situá-lo acerca do cotidiano escolar e promover, conseqüentemente, uma maior aproximação do ensino superior e seus cursos de Licenciatura com a Educação Básica. Sendo assim, esse artigo busca compreender o papel do professor no enfrentamento do racismo no âmbito escolar, utilizando a prática da leitura literária em uma comunidade de leitura como ponto de partida. Diante disso, o problema deste estudo constrói-se na seguinte pergunta: como o PIBID-Letras instrumentalizou os bolsistas no trabalho com a leitura literária para a prática de uma educação antirracista?

Se reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo, como afirma Djâmila Ribeiro (2019), em seu *Pequeno Manual Antirracista*, o projeto do PIBID-Letras, intitulado *Letramentos Literários (Afro)Brasileiros e Africanos na Educação Básica: Muitas Histórias Importam*, tornou-se, portanto, uma grata oportunidade para construir bases sólidas de uma educação combativa ao racismo em todas as suas formas, já que se propôs a trabalhar a formação do professor alicerçada à leitura literária de textos que falassem sobre negritude escritos por pessoas negras, aplicando a Lei nº 10.639/2003.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho de pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa de caráter (auto)biográfico e reflexivo, o que permite compreender o fenômeno estudado a partir da



vivência prática e do envolvimento direto da pesquisadora no contexto escolar, articulando teoria e prática docente. Assim, o estudo se ancora na experiência pedagógica como campo de produção de conhecimento, adotando um olhar crítico sobre as ações desenvolvidas no âmbito do PIBID-Letras entre 2022 e 2024.

Além da vertente (auto)biográfica, a metodologia inclui também uma análise teórico-documental, fundamentada em referenciais da Crítica Cultural e dos estudos sobre letramento e leitura literária. Para fundamentar esse estudo, buscar as respostas que podem atender à questão problema e estabelecer uma reflexão conduzida à luz da Crítica Cultural, apresentam-se como fontes bibliográficas Foucault (1984), Silva (1995), Freire (1996), Lukács (2003), Luckesi (2010), hooks (2017), Ribeiro (2019), Almeida (2019), Cruz (2023) e Pinheiro (2023).

A pesquisa ainda adota uma dimensão interventiva e formativa, uma vez que se desenvolve a partir da implementação do Clube de Leitura como ação pedagógica do PIBID-Letras no Colégio Modelo. Esse espaço de leitura e diálogo serviu como campo empírico da investigação, permitindo observar e analisar as práticas de letramento literário voltadas à valorização das identidades negras e à promoção de posturas antirracistas. As interações entre bolsistas, professores e estudantes, bem como as leituras realizadas e suas repercussões no ambiente escolar, constituem os dados qualitativos analisados. Assim, o estudo combina observação participante, registros reflexivos e análise de práticas pedagógicas, evidenciando o potencial da literatura para fomentar uma educação crítica e inclusiva.

Por fim, a metodologia propõe-se a responder à questão central da pesquisa (como o PIBID-Letras instrumentaliza os bolsistas no trabalho com a leitura literária para uma prática de educação antirracista?), articulando teoria, experiência e prática docente. Através da triangulação entre os referenciais teóricos, as vivências do programa e a análise das ações do Clube de Leitura, o estudo pretende elaborar uma compreensão sobre o papel formativo do PIBID na preparação de professores comprometidos com a equidade racial. Dessa maneira, a pesquisa se consolida como um estudo de caráter descritivo e interpretativo, orientado pela perspectiva crítica e emancipadora da educação, com o objetivo de contribuir para a consolidação de práticas pedagógicas antirracistas no contexto escolar.

**LEITURA LITERÁRIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: NASCE O CLUBE DE LEITURA DO COLÉGIO MODELO EM ALAGOINHAS-BA**



A docência permitiu compreender o meu lugar de agente cultural e político na sociedade e tal compreensão, construída no cotidiano, me fez encontrar a oportunidade de atuar como supervisora do PIBID-Letras entre os anos de 2022 e 2024, para criar um espaço de formação continuada nos estudos acerca das ações de combate ao racismo na Educação, assim como sobre a literatura afro-brasileira e africana.

Diante dos bolsistas e de suas narrativas sobre o início de uma jornada acadêmica, perguntei-me como poderia contribuir para que eles encontrassem o professor em si mesmos. E mais ainda: como poderia ajudá-los a perceber na literatura um instrumento de combate ao racismo no espaço da escola pública, constantemente atravessada por essa problemática.

Para isso, precisei revisitar a memória da estudante de graduação que fui, oriunda de um outro currículo e um outro momento histórico, no qual surgia a Lei 10.639/2003 e a Educação discutia ainda timidamente sobre seus métodos de aplicação. Dessa forma, não vivenciei a experiência da extensão através de políticas públicas como o PIBID, formei-me ainda em um cenário no qual o termo “antirracismo” pouco se ouvia nos corredores das instituições educacionais, mesmo com a referida lei já em vigor. Aqui vale um questionamento: se a formação dos educadores foi alimentada pelo viés conservador, como exigir desses docentes que revolucionem o ensino em suas salas de aula?

Convidei-me, então, a refletir sobre a professora que era até aquele momento, acumulando quase 20 anos de docência, e como esta identidade minha, ainda em construção, poderia contribuir para a construção de identidades outras, assim como o repensar da minha própria diante de uma realidade onde o racismo permanece presente em uma escola de maioria negra que ainda enfrenta inúmeros problemas para se afirmar como tal.

Ribeiro (2019, p.30) afirma que “é importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade”. Portanto, perceber-se criticamente faz com que surja uma série de desafios para aqueles que passam a vida sem questionar o sistema de opressão racial. Ainda consoante a mesma autora (2019, p. 107), “a capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele”.

Tomando as palavras de Pinheiro (2023, p.22), “é preciso haver um sonho por trás de todo ato pedagógico”, premissa que leva a crer que a formação docente precisa alicerçar-se a um projeto de sociedade. Assim, é fundamental formar o professor para o



seu próprio despertar enquanto sujeito social, bem como para que esse profissional possa conduzir o despertar dos subalternos para os privilégios que certos grupos sociais têm e fazer com que esses sujeitos pratiquem pequenos exercícios de percepção, a fim de superar e combater situações de violência que não seriam questionadas antes desse despertar de suas próprias condições de existência.

Diante disso, surgiu a ideia de criar o Clube de Leitura no Colégio Modelo de Alagoinhas, resultado de um combinado de oportunidades que começaram pela minha vivência no Clube do Livro de Alagoinhas, projeto de fomento à leitura que formou uma comunidade literária de participação livre e gratuita, sem fins lucrativos, atuante nesse município desde 2017. Comecei a frequentar o Clube do Livro em janeiro de 2023 no desejo de me reaproximar do hábito de ler e de renovar o repertório literário para oferecer aos estudantes que atendo na rede estadual de ensino escolhas mais contextualizadas com a contemporaneidade e que dialogassem com o seu cotidiano.

Pertenço ao quadro efetivo de professores da Secretaria de Educação do Estado da Bahia desde 2012 e sempre ouvi em conselhos de classe e reuniões de planejamento a queixa constante dos meus colegas, e minha própria, sobre a falta de leitura dos alunos e o quanto isso impactava em sua aprendizagem. Por isso, diante de uma geração de nativos digitais, comecei a me perguntar como poderia transportar a experiência positiva que o Clube do Livro estava sendo para mim aos meus alunos e como poderia transformar essa experiência num espaço formador para os bolsistas do PIBID-Letras sob minha supervisão.

Em reunião com os bolsistas, no retorno após o recesso junino de 2023, lancei a proposta de criar um Clube de Leitura no Colégio Modelo para a equipe. Então, iniciamos o trabalho realizando encontros nos sábados letivos do calendário escolar, com o intuito de tornar a ideia o mais atrativa possível para aulas que ocorreriam em dias que normalmente apresentam frequência baixa de estudantes nas escolas.

Entre os principais objetivos do Clube de Leitura está a prática da leitura subjetiva, a qual realiza-se através da interlocução com as práticas sociais do leitor. Ela deve ser um ato político que promova a transformação do indivíduo diante de sua realidade, garantindo o espaço de fala do estudante. Cruz (2023) debate sobre a importância do exercício da leitura subjetiva ao questionar a lida com essa prática na geração Z, imersa em tecnologia, recursos digitais e novos instrumentos de suporte e acesso à leitura. Para tanto, a autora afirma:



“Desse modo, questiono: o que seria e como ocorre o exercício da leitura subjetiva no âmbito da escola pública brasileira, que vem padecendo de um vultuoso sucateamento de suas bibliotecas, de suas salas de informática e das práticas efetivas da leitura literária?”. (Cruz, 2023, p.18)

Consoante os objetivos específicos do projeto do PIBID-Letras de ampliar repertórios no campo da literatura negra/afro-brasileira, africana e outros letramentos e realizar propostas de leituras (ciclos, clubes, rodas), entre outras atividades culturais e criativas junto aos estudantes da educação básica e aos licenciandos, o Clube de Leitura do Colégio Modelo foi instituído com o primeiro encontro no mês de julho de 2023, através da leitura de contos de escritores e escritoras negros que haviam passado por uma curadoria e estudo prévio nas reuniões de formação e planejamento com toda a equipe do programa.

O letramento literário, exercício fundamental para a metodologia do Clube, é uma competência que vai além da simples decodificação de palavras, pois envolve a capacidade de compreender, interpretar e criticar textos literários, permitindo que os leitores estabeleçam conexões emocionais e intelectuais com as obras. Essa prática é essencial para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, com a habilidade de pensar de forma autônoma e criativa, uma vez que a literatura oferece diversas perspectivas sobre a condição humana, a sociedade e a cultura.

Diante disso, Ribeiro (2019) afirma:

“A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber”. (Ribeiro, 2019, p. 64-65)

Ao passo que se realizavam os encontros, sempre partindo da leitura de contos de escritores africanos ou afro-brasileiros, foi possível perceber que o letramento racial se constituía também como exercício metodológico do projeto, começando esse trabalho pelos próprios integrantes do projeto, supervisão e bolsistas. Essa perspectiva de letramento abrange um conjunto de estratégias para formar cidadãos conscientes de sua realidade social, marcada pelas relações étnico-raciais, portanto, pelo racismo.

Sobre tal questão, hooks (2017) discute que “a educação deve ser um espaço onde se possa discutir e desconstruir as hierarquias raciais, promovendo uma consciência crítica que nos permita desafiar as normas sociais prejudiciais.” Ou seja, o letramento racial não se limita a compreender a história das relações raciais, mas também envolve a capacidade de reconhecer e resistir às injustiças que persistem na atualidade e construir



as formas de enfrentá-las, fato que se consolida no trabalho do educador, o qual não deve perder de vista que o texto literário como ferramenta pedagógica é uma representação estética da vida cotidiana e, como tal, precisa compreender que o aluno está no texto e o texto nele, já que aí encontramos representações políticas, críticas, econômicas, filosóficas e psicológicas da consciência humana.

Dessa maneira, a formação inicial e continuada através do PIBID para práticas de combate ao racismo através da Literatura desempenha um papel importante na definição de como esses profissionais veem a si mesmos e sua prática pedagógica. Durante essa etapa, mobiliza-se a aprendizagem teórica e prática, o que inclui, além da compreensão dos conteúdos curriculares e o desenvolvimento de habilidades didáticas, a percepção de si mesmo enquanto sujeito social.

Ao integrar discussões sobre raça e identidade nos currículos, educadores podem ajudar os alunos a desenvolver uma consciência crítica sobre a diversidade e a importância da inclusão. Esse processo não apenas enriquece a formação dos estudantes, mas também os prepara para atuar de forma responsável em uma sociedade multicultural.

Logo, a identidade do sujeito é formada através de uma relação múltipla de significados, pelos quais perpassam as relações de poder. Ao pensar sobre essa questão alicerçada à formação do educador, percebe-se que tais identidades forjam-se através do currículo, e o PIBID enquanto extensão que constitui o currículo acadêmico, muitas vezes, apresenta-se como um espaço de representação que atende às estruturas de poder.

Assim:

“O sistema escolar no Brasil não se pauta nos saberes do povo e no seu patrimônio cultural. O compromisso do sistema educacional brasileiro é com as elites e com a permanência do poder sob a batuta dos filhos da elite. Então, é preciso entender que os órgãos reguladores, mesmo quando não têm a intenção direta, sempre estiveram a serviço da burocratização perversa que exclui, aniquila e apaga o filho da classe trabalhadora.” (CRUZ, 2023, p. 25)

A partir de tal perspectiva, percebe-se que as narrativas que atravessam o currículo no qual o indivíduo se forma fixam noções particulares que acabam demarcando posições ao longo do processo de formação. Portanto, o currículo não diz respeito apenas a ideias e abstrações, mas à experiência e à prática, e se realiza na relação entre pessoas, devendo ser visto em suas ações e seus efeitos (o que o currículo faz de nós e o que fazemos dele).

Consoante as ideias de Tomaz Tadeu da Silva (1995),

“O currículo está envolvido num processo de constituição e de posicionamento: de constituição do indivíduo como um sujeito de determinado



tipo e de seu múltiplo posicionamento no interior de diversas divisões sociais”.  
(Silva, 1995, p. 189-190)

O docente em formação também é produto da escolarização em massa, que atende aos interesses do Estado, instituição de controle e regulação dos corpos. Desse modo, o currículo é compreendido como algo que se liga ao cognitivo, ao conjunto de conceitos e informações, o que faz com que se deixe de lado a possibilidade de enxergá-lo em seus aspectos de disciplinamento dos corpos, que são moldados para a produção de identidades fixas.

Para tanto, Silva (1995) afirma o seguinte:

“Tende-se a esquecer o quanto os corpos dos docentes estão submetidos ao disciplinamento, domesticação e sujeição, o que constitui um elemento central das relações de poder estabelecidas tanto no currículo como nas práticas cotidianas” (Silva, 1995, p. 197-198)

Dessa forma, o Clube de Leitura foi se constituindo enquanto espaço de subversão da narrativa curricular hegemônica, ao passo que produz letramentos individuais e coletivos, fazendo com que os bolsistas se autoatualizassem acerca de possibilidades epistemológicas e metodológicas que buscam, apoiando-se na ideia de decolonialidade, criar as bases de sustentação do combate ao racismo nas escolas.

Lukács (2003, p. 65), afirma que “não basta que o pensamento tenda para a realidade, é a própria realidade que deve tender para o pensamento”. Desse modo, entende-se que apenas em um contexto que integre os diferentes fatos da vida social é que o conhecimento desses fatos se torna possível enquanto conhecimento da própria realidade, o que poderá promover a instrumentalização do indivíduo para a superação dos obstáculos que anulam ou invalidam a sua existência. Ou seja, se a teoria interferir de modo imediato e adequado no processo de revolução social, somente assim será possível pensar a unidade da teoria e da prática.

Assim, a construção da identidade de um professor, entrecortada pelo trabalho com a Literatura, é um processo que deve ser dinâmico e interativo, requerendo uma constante negociação entre a prática profissional, as expectativas institucionais e as aspirações pessoais do docente em formação, fatores que refletem a complexidade e a riqueza da profissão docente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



A análise dos dados levantados a partir do Clube de Leitura implementado pelo PIBID-Letras atuante no Colégio Modelo, em Alagoinhas-BA, estabeleceu categorias analíticas que permitiram sistematizar os achados da pesquisa. A seguir apresentam-se resultados organizados em eixos temáticos que se articulam com o referencial teórico do projeto, ressaltando as contribuições para a formação docente antirracista e o letramento literário dos alunos da Educação Básica.

### **Categorias Analíticas da Experiência Formativa**

Com base na observação participante e dos registros reflexivos produzidos ao longo dos encontros do Clube de Leitura, foi possível identificar quatro categorias analíticas centrais que emergiram da experiência formativa. Neste sentido, o Quadro 1 apresenta sistematização das categorias, suas definições conceituais e os principais autores que fundamentam cada dimensão.

**Quadro 1 – Categorias analíticas da experiência formativa no Clube de Leitura**

<b>Categoria</b>	<b>Definição Conceitual</b>	<b>Autores Base</b>
<b>Identidade Docente Crítica</b>	Processo de reconhecimento do professor enquanto agente cultural e político, capaz de questionar currículos hegemônicos e promover práticas emancipatórias.	Freire (1996), Silva (1995) e hooks (2017).
<b>Letramento Racial</b>	Desenvolvimento da capacidade de identificar, nomear e questionar o racismo, promovendo consciência crítica sobre as hierarquias raciais na sociedade.	Almeida (2019), Ribeiro (2019) e Pinheiro (2023)



<b>Leitura Subjetiva</b>	Prática de leitura que permite ao sujeito estabelecer conexões entre o texto literário e suas experiências pessoais, favorecendo o reconhecimento identitário e a empatia.	Cruz (2023) e Pereira (2018)
<b>Práxis Pedagógica Antirracista</b>	Articulação entre teoria e prática docente, orientada pela intencionalidade de desconstruir o racismo estrutural no ambiente escolar através de ações concretas.	Lukács (2003), Foucault (1984) e Luckesi (2010).

*Fonte: Elaborado pela autora (2024).*

As categorias apresentadas no Quadro 1 não são estanques, mas se interpenetram e se retroalimentam no processo formativo. A identidade docente crítica, por exemplo, desenvolve-se à medida que os bolsistas se engajam em práticas de letramento racial e leitura subjetiva, culminando na construção de uma práxis pedagógica verdadeiramente antirracista.

Outro aspecto relevante identificado, é referente a diversidade de ações desenvolvidas, que não se limitaram aos encontros do Clube de Leitura, mas incluíram formações teóricas com os bolsistas, rodas de conversa ampliadas com os estudantes, produção textual criativa e eventos culturais que promoveram a visibilidade da literatura afro-brasileira na comunidade escolar. Essa multiplicidade de estratégias pedagógicas dialoga diretamente com a proposta freireana de uma educação problematizadora, que não se restringe à transmissão de conteúdos, mas busca a transformação da realidade através da práxis coletiva.

### **Análise Crítica e Discussão Teórica**

Os achados empíricos apresentados dialogam profundamente com o referencial teórico mobilizado nesta pesquisa, evidenciando a relevância da articulação entre teoria e prática na formação docente antirracista. Conforme argumenta Hooks (2017, p. 25),



"ensinar é um ato performativo que exige presença plena e engajamento ético". As narrativas dos bolsistas e os resultados observados nos estudantes demonstram justamente esse processo de conscientização sobre o caráter performativo e político da docência.

O reconhecimento identitário emerge como uma dimensão central da experiência formativa. Vários bolsistas relataram processos de identificação com as personagens e autores negros lidos no Clube, indicando que a literatura afro-brasileira opera como espelho no qual esses sujeitos em formação podem se reconhecer e valorizar suas próprias histórias. Esse achado dialoga com a noção de "lugar de fala" desenvolvida por Ribeiro (2017), que argumenta que a inclusão de vozes historicamente silenciadas no currículo não é apenas uma questão de representatividade, mas de justiça epistêmica e de ampliação da compreensão sobre a realidade social.

Particularmente significativa é a percepção dos bolsistas sobre a ampliação de seus repertórios literários. O desconhecimento prévio de autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus revela a eficácia do apagamento curricular denunciado por Silva (1995) e reforça a urgência de políticas educacionais que garantam a implementação efetiva da Lei nº 10.639/2003. Como afirma Pinheiro (2023, p. 87), "o currículo é um campo de batalha onde se disputa qual conhecimento é válido e quais sujeitos merecem ser conhecidos". O Clube de Leitura, nesse sentido, constituiu-se como um espaço de resistência epistêmica.

Em síntese, os resultados evidenciam que a experiência do Clube de Leitura alcançou impactos significativos tanto na formação docente antirracista dos bolsistas quanto no desenvolvimento do letramento racial dos estudantes. As categorias analíticas identificadas constituem contribuições relevantes para o campo da educação antirracista. Como afirma Almeida (2019, p. 198), "o combate ao racismo não se faz com ações pontuais, mas com a transformação das instituições e das relações sociais". O Clube de Leitura representa uma experiência exitosa que aponta para a necessidade de políticas educacionais mais amplas e consistentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Luckesi (2010), o educador nunca estará definitivamente pronto, pois sua preparação é construída no cotidiano e na meditação teórica acerca de sua prática. Logo, a didática deve ser um elo entre as opções filosóficas e políticas da educação, as competências e habilidades para o exercício da docência e o próprio exercício diuturno





## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: **Pólen**, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. O exercício da leitura subjetiva como ato político. **Pontos de Interrogação–Revista de Crítica Cultural**, v. 13, n. 2, p. 17-39, 2023.

hooks, bell. Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: **Editora WMF Martins Fontes**, 2017.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, M. B. (Ed.) Ética, sexualidade, política Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 2004c. p. 264-287. Coleção Ditos e Escritos, vol.V.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, Vera Maria (org). A didática em questão. 30.a Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: **Vozes**, 2010.

LUKÁCS, György. História e consciência de classe. São Paulo: **Martins Fontes**, 2003.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: **Planeta do Brasil**, 2023.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1ª ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: **Letramento: Justificando**, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, T. T. et al. Alienígenas na sala de aula / Tomaz Tadeu da Silva (org.). – Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1995. – (Coleção estudos culturais em educação)

PEREIRA, Áurea da Silva. Letramentos, empoderamento e aprendizagens. Campinas, São Paulo: **Mercado de Letras**, 2018.

